

## OS DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA O PENSAMENTO E PARA A CULTURA: o problema do livro didático

Eduardo Ferraz Franco<sup>1</sup>

**Resumo:** Nietzsche critica os estabelecimentos de ensino, argumentando que estes não formam o estudante para o pensamento, mas que, vinculado ao Estado e seus objetivos utilitários de formação para o trabalho e a obediência, busca formar o máximo de pessoas com um saber médio. No máximo, forma-se um erudito detentor dos conhecimentos de uma determinada ciência. A educação desses estabelecimentos não pode formar homens para um pensamento autêntico e livre, pois, vinculada ao Estado, não consegue ter um compromisso com a verdade, mas com objetivos políticos e ideológicos. Vemos nossos estabelecimentos de ensino atuais nestas mesmas condições. Seus objetivos são o de formação de profissionais e cidadãos cumpridores de regras. Com os olhos voltados para os nossos estabelecimentos de ensino queremos crer que a volta da filosofia para o ensino médio pode ser um momento de resistência a esta lógica de ensino. A sala de aula é um espaço de resistência onde, mesmo sendo um funcionário pago para servir aos interesses do Estado, o professor pode decidir o quê e para quê ensinar. Um professor de filosofia compromissado com a formação filosófica dos seus alunos seria aquele que não abriria mão da filosofia na sala de aula, que oporia resistência a esta lógica de formação rápida para o mercado de trabalho. Recorrer aos clássicos, é isto que Nietzsche diz ser o primeiro passo para uma educação para o pensamento. Recorrer aos clássicos para se aprender a escrever e a falar a língua materna, para aprender a organizar o próprio pensamento e, partindo daí, alcançar a autonomia de pensar por si próprio. Diante do exposto, partimos da hipótese de que o livro didático de filosofia é um grande obstáculo para o acesso a este pensamento vivo dos clássicos. Os livros didáticos apresentam o pensamento dos filósofos como algo morto, que pertence ao passado histórico, uma superficial enciclopédia de sistemas filosóficos que nada têm a dizer sobre a vida e a existência do estudante. O objetivo deste trabalho é, então, problematizar a adoção do livro didático como texto central na aula de filosofia.

**Palavras-chave:** ensino de filosofia; formação; livro didático; Nietzsche.

### Introdução

Em seus escritos de juventude, Nietzsche mostra-se preocupado com a cultura de sua época. A supervalorização da história, a formação para o mercado de trabalho, a cultura jornalística, esses e outros fatores fizeram com que a cultura não agisse em favor da vida, que o conhecimento se tornasse apenas algo no interior de quem o possui, sem ação prática.

Essa preocupação com a cultura moderna, ou com a falta dela, fez com que Nietzsche pensasse a formação de sua época, e, conseqüentemente, a educação de seu tempo. Em vários escritos seus desse período, como a *II Consideração intempestiva – Da utilidade e desvantagem da história para a vida*; *III Consideração intempestiva – Schopenhauer*

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Filosofia (Licenciatura) da Universidade Federal de Goiás e pesquisador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Ms. Carmelita Brito de Freitas Felício.

E-mail: [eferrazfranco@hotmail.com](mailto:eferrazfranco@hotmail.com).

*educador e Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, estão presentes as críticas de Nietzsche à educação de seu tempo, bem como a busca da retomada de uma educação para o pensamento e para a verdadeira cultura.

Em seus escritos sobre a educação, Nietzsche se ocupa em tecer sua crítica aos estabelecimentos de ensino de seu tempo, alertando para o fato de que estes não podem formar indivíduos para a verdadeira cultura, para o pensamento. Isto porque, essas instituições estão a serviço de alguns interesses, como os comerciais, estatais, ou os de uma falsa bela forma.

*Grosso modo*, lamento que já tenhamos a necessidade de nos servir do jargão linguístico do proprietário de escravos e do empregador para a designação de tais relações que deveriam ser em si pensadas como livres de utilidade, desprovidas de necessidades vitais: mas involuntariamente vêm à boca as palavras ‘fábrica, mercado de trabalho, oferta, utilização’ – como quer que possam se chamar os verbos auxiliares do egoísmo -, quando se querem descrever as gerações mais jovens dos eruditos’.<sup>2</sup>

Servindo a esses interesses, a educação passa a ter um caráter utilitário, de formação para o mercado de trabalho, para a obediência ou para a formação rápida de pseudo-cultos, os eruditos, pessoas que passam por uma formação veloz, especializada em apenas um campo do saber e que formam a elite intelectual de seu tempo. Uma educação que serve a esses interesses não pode ser uma educação para o pensamento, para a cultura, já que, segundo Nietzsche,

toda educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou um ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que podem percorrer para o indivíduo se salvar e se proteger na luta pela existência.<sup>3</sup>

### **Da crítica de Nietzsche à educação à crítica da educação em nosso tempo**

Nietzsche concede uma importância central ao ginásio de seu tempo, que seria um correspondente ao nosso ensino médio. Segundo ele:

Todas as outras instituições devem medir-se pelo objetivo cultural que é visado pelo ginásio, pois elas sofrem com os desvios de sua tendência, e assim serão também purificadas e renovadas com sua purificação e renovação. Nem mesmo a universidade pode pretender esta importância de centro motriz, já que, na sua constituição atual, ela não é, pelo menos num aspecto essencial, senão a culminação da tendência do ginásio [...].<sup>4</sup>

---

2 NIETZSCHE, 2003: 63-64.

3 NIETZSCHE, 2007: 104.

4 NIETZSCHE, 2007: 68.

Sendo assim, na busca de uma educação verdadeira, uma formação para o pensamento e a cultura, deve-se dispensar especial atenção ao ginásio, ou, no nosso caso, ao ensino médio. É dessa perspectiva que estamos interessados em lançar um olhar crítico para nossa situação educacional. Ora, segundo Nietzsche, uma tarefa central para o ginásio seria o ensino da língua. Ensinar os estudantes a falar e a escrever de uma forma correta, a expressar seus pensamentos de uma forma que não seja vulgar. Nas palavras do filósofo:

Qual seria nesse caso a tarefa de um estabelecimento de ensino de alta qualidade, senão justamente a de levar ao caminho correto, através da autoridade e com uma severidade digna, os jovens cuja língua se tornou selvagem, e lhes gritar: 'Levem sua língua a sério! Aquele que não chega ao sentimento de um dever sagrado para com ela, este não tem mais em si o germe que convém a uma cultura superior. É aqui que se pode ver que valor e que desprezo vocês atribuem à arte e em que medida vocês estão ligados à arte, aqui, no manejo da sua língua materna. Se vocês não chegarem a experimentar um desgosto físico por certas palavras e jargões, aos quais os jornalistas nos habituaram, então, devem renunciar à aspiração da cultura: pois é aqui, bem perto de vocês, a cada momento em que falam e escrevem, que têm uma pedra de toque para compreender a dificuldade, a imensidão da tarefa do homem culto e a improbabilidade que deve haver para que muitos dentre vocês alcancem uma cultura autêntica.<sup>5</sup>

Para essa árdua tarefa de iniciar os jovens na arte da escrita, Nietzsche faz um alerta que é de suma importância: a análise dos clássicos.

Mostrar, ao analisar os clássicos linha por linha, com que cuidado e com que rigor é preciso fazer cada exame, quando se tem no coração um verdadeiro sentimento artístico e diante dos olhos a compreensão total do que se escreve. Ele [o professor] deveria incessantemente obrigar seus alunos a exprimir o mesmo pensamento mais uma vez e melhor, e encontraria limite para sua ação até que os menos dotados chegassem a um terror sagrado diante da língua e os mais dotados a um nobre entusiasmo para com ela.<sup>6</sup>

Pensando em nosso tempo, nas nossas atuais condições, tendo em vista as críticas feitas por Nietzsche à educação de seu tempo, nós, enquanto professores ou futuros professores de filosofia no ensino médio, se buscamos um ensino com objetivos maiores que a mera formação para o mercado de trabalho ou a formação de um cidadão obediente, se visamos um ensino que tenha como fim o pensamento autônomo e a ampliação do horizonte cultural do estudante - mesmo em uma instituição vinculada ao Estado, organizada em disciplinas geradas pela divisão do trabalho científico feita por um ensino com fins rápidos e mercadológicos -, devemos pensar em como contribuir para esta formação cultural.

---

5 NIETZSCHE, 2007: 69.

6 NIETZSCHE, 2007: 69.

Na esteira de Nietzsche, para quem o objetivo central do ginásio, ou do nosso ensino médio deve ser a formação linguística para que o estudante aprenda a escrever, a organizar seus pensamentos de uma maneira artística, a partir da leitura dos clássicos, com cuidado e rigor, acreditamos que a disciplina de filosofia pode contribuir com esta formação. A disciplina de filosofia deve se ocupar desta leitura rigorosa e artística dos clássicos, linha por linha, tanto dos clássicos consagrados da história da filosofia, como também dos bons escritores da nossa língua materna. E os estudantes devem ser incitados a pensar sua existência, a se apropriar desses saberes “para a vida e para a ação, não para o abandono confortável da vida e da ação ou mesmo para o embelezamento da vida egoísta e da ação covarde e ruim”.<sup>7</sup> A partir desse estudo dos clássicos de forma viva, e da expressão desses pensamentos de forma escrita, por várias vezes, como exercício de uma escrita argumentativa, é que se deve dar, a nosso ver, o ensino da filosofia no nível médio.

Esta análise dos clássicos não deve ser, para Nietzsche, uma análise histórica, que trata o pensamento dos filósofos de nossa tradição como algo morto e enterrado no passado. O pensamento deve ser tratado como algo vivo que sempre tem a dizer algo novo sobre nossa existência, sobre nossas vidas, sobre nossa contemporaneidade. Consultamos os clássicos para pensar a nossa existência, a partir da nossa realidade, colocando esses pensamentos em movimento.

É verdade que o método histórico parece ser para o mestre bem mais fácil e bem mais cômodo; além disso, esse método parece igualmente exigir disposições bem mais reduzidas, e geralmente um ímpeto menos forte na vontade e na aspiração do mestre. Mas seria preciso fazer esta mesma advertência em todos os campos da atividade pedagógica: é o mais fácil e o mais cômodo que se esconde sob o manto de pretensões soberbas e de títulos pomposos: o que é verdadeiramente da ordem do prático, a atividade, que é a essência da formação, porque no fundo é a mais difícil, só recolhe os olhares do descrédito e da depreciação: eis por que o homem honesto deve também esclarecer, para si e para os outros, este equívoco.<sup>8</sup>

Em sua *II Consideração intempestiva*, Nietzsche trata dos problemas em se assumir a história com um papel central na formação de um povo, já que, para ele, “precisamos da história, mas não como o passeante mimado no jardim do saber”<sup>9</sup>. A filosofia fica prejudicada quando se assume tal concepção:

Em que situações desnaturadas, artificiais, e, em todo caso, indignas, há de cair, em uma época que sofre de cultura geral, a mais verdadeira de todas as ciências, a deusa

---

7 NIETZSCHE, 2003: 05.

8 NIETZSCHE, 2007: 70-71.

9 NIETZSCHE, 2003: 05.

nua e sincera, a filosofia?!? Em um tal mundo da uniformidade exterior imposta, ela permanece um monólogo erudito do passeante solitário, uma presa casual do indivíduo, um segredo oculto de alcova ou uma tagarelice inofensiva entre velhos acadêmicos e crianças. Ninguém deve ousar cumprir a lei da filosofia em si, ninguém vive filosoficamente, com aquela simples lealdade que obrigava o homem antigo a portar-se como estoico onde quer que estivesse, no que quer que empreendesse, caso tivesse algum dia jurado lealdade ao Pórtico. Todo filosofar moderno é político e policialesco, limitado à aparência erudita pelos governos, igrejas, academias, hábitos, e pela pusilanimidade dos homens: ele permanece suspirando ‘mas se...’ ou reconhecendo ‘era uma vez...’. No interior da cultura histórica, caso queira ser mais do que um saber interiormente contido e sem efeitos, a filosofia não tem direito algum; fosse o homem moderno corajoso e decidido, mesmo em suas inimizades, somente um ser interior: ele baniria a filosofia; agora, ele se contenta em disfarçar envergonhadamente sua nudez. Sim, pensa-se, escreve-se, imprime-se, fala-se, ensina-se filosoficamente – até aí tudo é mais ou menos permitido; somente no agir, na assim chamada vida, é diferente: aí apenas uma coisa é permitida e todo o resto é simplesmente impossível: assim o quer a cultura histórica. Será que ainda são homens – perguntamo-nos então – ou talvez somente máquinas de pensar, de escrever e de falar?<sup>10</sup>

Em uma cultura histórica a filosofia se torna, então, para Nietzsche, apenas uma tagarelice, um saber sem ação, não se vive filosoficamente, não se pensa filosoficamente a vida, a existência. Dar à história um caráter central no ensino da filosofia também, a nosso ver, tira o caráter transformador que a filosofia pode ter para a vida dos estudantes. A filosofia deixa de ser uma ferramenta para o jovem pensar a sua vida de forma crítica, a partir do que foi pensado pelos filósofos, para se tornar apenas mais um saber aprendido, interiorizado, mas sem relação com o mundo, com a prática.

Esta análise dos clássicos, proposta por Nietzsche e defendida por nós como primordial na aula de filosofia, não deve ser, então, uma análise histórica que trata o pensamento como algo que pertence ao passado e que não faz parte de nós, das nossas inquietações, mas algo vivo que tem a ver com nossa realidade, com nosso cotidiano. Assim, como nos dizem Sívio Gallo e Walter Kohan:

Um professor que apenas reproduza, que apenas diga de novo aquilo que já foi dito não é, de fato, um professor de filosofia; o professor de filosofia é aquele que dialoga com os filósofos, com a história da filosofia e, claro, com os alunos, fazendo da aula de filosofia algo essencialmente produtivo.<sup>11</sup>

### **O problema do livro didático**

Partindo da ideia nietzschiana de exame rigoroso dos clássicos e de “tratar o vivo como vivo”, acreditamos ser um tanto quanto problemática a adoção dos livros didáticos

---

10 NIETZSCHE, 2003: 43-44.

11 GALLO; KOHAN, 2000: 182.

como textos centrais nas aulas de filosofia. Os livros didáticos de filosofia, em geral, apresentam de forma enciclopédica o pensamento dos filósofos, de uma maneira rápida, que Nietzsche chamaria de jornalística. Nos livros didáticos não estão presentes o pensamento do filósofo, mas interpretações que simplificam aquele pensamento com vistas a ser absorvido de forma rápida pelo estudante, para que ele possa se munir do conhecimento necessário que o habilite a ter acesso ao mercado de trabalho. Assim, vemos o livro didático de uma forma semelhante àquela em que Nietzsche via o jornal em seu tempo:

o jornal substitui a cultura, e quem ainda, a título de erudito, tem pretensões à cultura, este se apoia habitualmente nesta trama de cola viscosa que cimenta as juntas de todas as formas de vida, de todas as classes sociais, de todas as artes, de todas as ciências. É no jornal que culmina o desígnio particular que nossa época tem sobre a cultura: o jornalista, o senhor do momento, tomou o lugar do grande gênio, do guia estabelecido para sempre, daquele que livra do momento atual.<sup>12</sup>

No livro didático não está presente, então, a visão do grande gênio, do pensador, mas de um jornalista que simplifica e sintetiza o pensamento da época. Quando se tem em um livro didático a presença do escrito do próprio pensador, quando o clássico está ali presente, este é apresentado como um recorte, um fragmento utilizado para justificar a ideia do autor do livro didático. Assim, não é o filósofo que ali está presente, mas um autor se utilizando do pensador para justificar o que quer dizer, algo que pode ser dogmático e doutrinário, que pode ser a defesa de sua ideologia. Segundo Renato José de Oliveira, em uma pesquisa sobre os livros didáticos de filosofia no Brasil:

Na medida em que toda exposição das ideias de outrem não deixa de estar impregnada pela visão de mundo do expositor, a ausência de confronto entre a fala original do filósofo e a paráfrase feita pelo autor do livro faz que o leitor (professor, leigo ou aluno) fique preso a uma única versão daquele pensamento, considerada como palavra final e indiscutível. Se, por um lado, certas sistematizações e sínteses podem de fato facilitar a tarefa do professor e tornar a leitura menos árida para o leitor, por outro, muitas vezes reduzem a riqueza e a amplitude das concepções filosóficas tratadas, além de enquadrar os pensadores em moldes rígidos: realistas, idealistas, metafísicos, etc. Tudo isso acaba por difundir visões aligeiradas e mesmo preconceituosas acerca de muitos filósofos.<sup>13</sup>

Se a nossa pretensão é a de que o ensino de filosofia seja realmente filosófico, que forme o aluno para o pensamento e para a cultura, que faça com que o aluno aprenda a escrever, a expressar suas ideias, é essencial a utilização dos clássicos, dos textos dos próprios filósofos nas aulas de filosofia, para que os estudantes tenham acesso à criação daquele

---

12 NIETZSCHE, 2007: 65.

13 OLIVEIRA, 2004: 02.

argumento e ao porquê de um pensador dizer aquilo daquela forma. Se formos apresentados aos argumentos dos filósofos por um livro didático que só nos confronta com a argumentação de forma reduzida, “jornalística”, não teremos acesso àquela produção filosófica, à arte presente naquele argumento filosófico. Sendo assim, aquele saber apresentado de forma rápida e reduzida pelo livro didático perde o seu caráter ativo e vivo, tal como foi construído originalmente pelo pensador, que tratava de um problema que o inquietava, que tinha um contexto envolvido naquela criação, e perde também a possibilidade de ser apropriado pelo estudante para pensar a sua vida, de ser exteriorizado como mais do que um saber a ser apenas aprendido sem modificar a vida daquele estudante.

Quando um estudante tem acesso aos clássicos por intermédio dos livros didáticos e de seus recortes e sintetizações: “o próprio mestre aí semeia os germes de uma grosseira e deliberada compreensão dos nossos clássicos, compreensão que logo se fará passar como crítica estética, embora sendo somente uma impertinente barbárie”.<sup>14</sup>

É de suma importância, então, tal como pensamos, que o professor de filosofia assuma para si a responsabilidade com a aula de filosofia, possibilitando o acesso dos alunos aos clássicos, à tradição filosófica. O professor deve ser um conhecedor desta tradição, alguém que sabe dialogar com os clássicos e que saiba aproximar esse pensamento da existência e da realidade dos estudantes, para que estes possam ver esse pensamento como vivo, como ativo, para que esse pensamento possa ser algo transformador na vida e no pensamento dos alunos, permitindo que, a partir daí, os alunos possam desenvolver a capacidade de expressar suas próprias ideias, de escrever seus argumentos, pôr seu pensamento em movimento, a partir do que foi pensado pelos grandes gênios, depois de escutar o que eles têm a nos dizer. Nas palavras de Silvio Gallo e Walter Kohan:

Não podemos pretender que todo jovem venha ser filósofo (num sentido profissional), mas é importante que todo jovem, ao ter contato com a filosofia, possa desenvolver experiências de pensamento, aprendendo a reconhecer e a produzir, em seu nível, conceitos, a fazer a experiência da crítica e da realidade sobre a sua própria vida, a desenvolver uma atitude dialógica frente ao outro e ao mundo e, fundamentalmente, possa aprender uma atitude interrogativa frente ao mundo e a si mesmo.<sup>15</sup>

### **Considerações finais**

Nesta comunicação, priorizamos a apresentação do objetivo e dos resultados parciais

---

14 NIETZSCHE, 2007: 71.

15 GALLO; KOHAN, 2000, 195.

de nossa pesquisa, que busca problematizar a adoção do livro didático como texto central na aula de filosofia. Uma das orientações metodológicas, para além do aporte teórico que apresentamos acima, se baseia na necessidade de investigar de que modo os professores utilizam o livro didático de filosofia em suas aulas e se eles têm esta preocupação com uma formação para o pensamento e a cultura e não apenas com a formação do cidadão produtivo.

Na continuidade da investigação, está prevista a aplicação de entrevistas com os professores de filosofia do Colégio Estadual Pré-Universitário, a escola-campo na qual a pesquisa prática está sendo desenvolvida. Interessamos saber qual a relação dos professores com o livro didático e qual a preocupação destes com a formação dos estudantes. Faremos também entrevistas com professores de outras disciplinas para saber como eles encaram a formação dos estudantes e como fazem uso do livro didático. Interessamos, também, interrogar acerca do que seja para eles uma formação filosófica consistente e de que modo essa formação poderia auxiliar nos objetivos visados em suas disciplinas.

Pretendemos, também, realizar entrevistas e debates com os alunos para saber de que modo eles relacionam o ensino e a aprendizagem com o livro didático de filosofia. Interessamos saber se eles acreditam que este é um facilitador do acesso ao pensamento ou não, e se em suas aulas de filosofia este tem sido o instrumento central de acesso à filosofia.

Além disso, estamos ministrando uma disciplina optativa na escola-campo em que buscamos verificar a possibilidade prática de propor aos alunos de nível médio a leitura de textos filosóficos. Em nossas aulas buscamos apresentar e analisar trechos de textos dos próprios filósofos, sem a intermediação de comentadores, o que visa contrapor a objeção frequente de que, faz-se necessário o uso de livros didáticos no ensino médio, porque os estudantes não estão aptos a lerem textos dos próprios filósofos.

As entrevistas e a avaliação feita das aulas ministradas serão confrontadas com a crítica de Nietzsche aos estabelecimentos de ensino em seus escritos sobre a educação, além de outros textos do filósofo e de outros autores que tratam do assunto, especialmente com os estudiosos que vêm se ocupando com o ensino da filosofia. O objetivo final de nossa pesquisa culmina na produção de um artigo no qual buscaremos discutir as possibilidades e apresentar propostas de um ensino de filosofia articulado com a formação para o pensamento e a cultura, à luz das nossas condições atuais.

## **Referências**



#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. In: GALLO, S; KOHAN, W.O. (Orgs.): *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. 3ª ed. Tradução, apresentação e notas de Noéli correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

OLIVEIRA, Renato José. *O livro didático de filosofia em foco*. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. *Ensino médio: ciência, cultura e trabalho*. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. MEC, SEMTEC, 2004.